

ECOESCATOLOGIA – Contribuições Protestantes para uma Convergência Teológica para a Libertação

Alvori Ahlert¹

RESUMO

Este texto objetiva identificar as contribuições da teologia protestante na busca de convergências entre a escatologia e a ecologia como novos significadores para a práxis da fé a partir da teologia no contexto da crise ecológica. Para isso, evidencia o conceito de escatologia e suas perspectivas de transformação processadas a partir de novos significantes para a atualidade nos debates dos teólogos protestantes Jürgem Moltmann, Paul Tillich, Richard Shaull e Vítor Westhelle. Analisa o conceito de ecologia para o contexto do debate e da interação com a teologia. Conclui-se que a convergência entre as dimensões da ecologia e da escatologia resulta numa ecoescatologia, que se configura num importante instrumento para a renovação de uma teologia libertadora que ajude na construção de outro mundo possível e necessário.

PALAVRAS-CHAVE

Ecoescatologia; Crise Ecológica; Ecologia; Escatologia; Teologia da Libertação.

¹ Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, Brasil. Pós-Doutor em Educação, Doutor em Teologia (Área: Religião e Educação), Mestre em Educação nas Ciências (Área Filosofia). Membro do Grupo Interdisciplinar e Interinstitucional de Pesquisa e Extensão em Desenvolvimento Sustentável – GIPEDES.

ABSTRACT

This text aims to identify how contributions of protestant theology in the search for convergences between eschatology and ecology as a new significations to praxis of faith from the theology without the context of the ecological crisis. For this, shows the concept of eschatology and its prospects of transformation processed from new significant in the current debates of theologians protestants Jürgen Moltmann, Paul Tillich, Richard Shaull and Vitor Westhelle. Analyzes the ecology concept to the context of debate and interaction with theology. It is concluded that the convergence between the dimensions of ecology and eschatology resulting in ecoeschatology which constitutes an important tool for the renewal of a liberating theology that helps in building another possible and necessary world.

KEYWORDS

Ecoeschatology; Ecological Crisis; Ecology; Eschatology; Liberation Theology.

1. Introdução – Situando o debate

O modelo neodesenvolvimentista experienciado nas duas últimas décadas na maioria dos países da América do Sul teve na “igreja dos pobres”² seu forte impulso de origem. As comunidades eclesiais de base e

² No contexto eclesial católico, Francisco de Aquino Júnior resgata a origem da expressão “igreja dos pobres”: “No dia 11 de setembro de 1962, um mês antes da abertura do Concílio Vaticano II, o papa João XXIII enviou uma mensagem ao mundo. Nela, o papa fala de Jesus como ‘luz’ e da missão da Igreja de ‘irradiar’ essa luz no mundo; fala da preocupação e responsabilidade da Igreja com esses problemas; e fala da contribuição que o Concílio poderia oferecer para a solução dos mesmos – contribuição fundada ‘na dignidade do ser humano e em sua vocação cristã’. E, aqui, passa a indicar alguns pontos importantes: a igualdade de todos os povos no exercício dos seus direitos e deveres, a defesa da família e a responsabilidade social. Neste contexto, João XXIII acrescenta o que considera ‘outro ponto luminoso’: ‘Pensando nos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta e quer realmente ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres’ Três anos depois, na Conferência do Episcopado latino-americano em Medellín (1968), a semente germinou e começou e crescer e produzir muitos frutos. Nascia uma Igreja profética, pobre e comprometida com os

as pastorais populares, católicas e protestantes, sustentadas pela teologia da libertação latino-americana foram decisivas na construção e apoio de governos democrático-populares na região. Acreditamos que a teologia da libertação, ao estabelecer uma forte relação entre fé e ideologia, “[...] continua sendo uma descoberta extremamente importante no momento em que ideologias de emancipação e libertação se rearticulam em toda a América Latina através de governos de esquerda e centro esquerda em vários países como Brasil, Uruguai, Equador, Venezuela, Bolívia, Chile, Nicarágua, Paraguai”³.

Este modelo, no entanto, está no limite de suas possibilidades, pois encontra-se fortemente pressionado pelas políticas neoliberais impostas pelo sistema financeiro internacional e pelos países centrais reunidos em torno do Fundo Monetário Internacional (FMI). A contra ofensiva neoliberal vem destruindo os fundamentos econômicos de uma redistribuição da riqueza no continente, por mais insípida que tenha sido esta distribuição neste período. O filósofo esloveno, Slavoj Žižek, nos mostra isso com grande nitidez como essa estratégia foi usada contra o Chile de Allende na década de 1970 e como ela está sendo reutilizada na atualidade contra a Venezuela. “Ao aconselhar a CIA a minar o governo de Salvador Allende, democraticamente eleito no Chile, Henry Kissinger explicou: ‘Façam a economia gritar’”⁴. Tal estratégia resultou no desgaste do governo popular, favorecendo o golpe militar de 1973. E hoje essa mesma estratégia está em franco desenvolvimento nos países com governos democrático-populares. O autor relata o caso de Chavez na Venezuela:

Representantes importantes dos Estados Unidos admitem que a mesma estratégia é aplicada hoje à Venezuela. Como disse à Fox News o ex-secretário de Estado norteamericano Lawrence Eagleburger:

pobres; Igreja de todos, mas, sobretudo, Igreja dos pobres; Igreja da libertação. Sua característica mais importante foi e continua sendo o que se convencionou chamar *Opção preferencial pelos pobres*.”. (JÚNIOR, Francisco de Aquino. Igreja de Jesus Cristo é a igreja dos pobres. *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura* – Ano IX, n. 42, Ano IX – Abril/Maio/Junho, 2013, p. 113)

³ AHLERT, Alveri. Fé e ideologia na teologia da libertação: inter-relações na obra de Juan Luis Segundo. *Theologica Xaveriana*, vol. 58, núm. 166, julho-diciembre, 2008, p. 343.

⁴ ŽIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 336.

“[O poder de atração de Chavez] só vai funcionar enquanto a população da Venezuela vir alguma capacidade de melhorar o padrão de vida. Se em algum momento a economia piorar muito, a popularidade de Chavez no país sem dúvida diminuirá, e essa é a única arma que temos contra ele e que deveríamos usar, ou seja, as ferramentas econômicas para tentar piorar ainda mais a economia, para que seu poder de atração no país e na região diminua. [...] Neste momento, tudo o que pudermos fazer para tornar a economia difícil para eles é bom, mas vamos agir de maneira que não nos faça entrar em conflito direto com a Venezuela, se for possível”.⁵

Certamente não é preciso ser cientista político para saber que esta estratégia vem sendo aplicada *ipsis litteris* contra os governos populares na América Latina. O torniquete econômico imposto ao país pelo sistema da banca internacional, consorciado com a corrupta elite econômica brasileira, está corroendo o apoio ao governo da atual presidenta com o claro objetivo de reimplantar um governo deliberadamente neoliberal, para novamente impor as políticas de estado mínimo. Tal prática visa à manutenção da hegemonia norte-americana para manter seu modelo centralizador da economia e viver as benesses da exploração planetária, em função do seu modelo de consumo e de forma de vida. E esse processo impõe aos pobres e trabalhadores do Brasil um grave retrocesso em suas condições de vida, acirrando as crises econômicas, políticas, sociais e ecológico-ambientais. Do ponto de vista ambiental, políticas de estado mínimo inibem o controle e acompanhamento do sistema de livre mercado, propiciando o uso indiscriminado do que resta da riqueza natural no planeta.

Para Žižek, a premissa de seu livro é que o sistema capitalista está nos aproximando do ponto zero apocalíptico e, inspirado no Apocalipse de João, afirma que os eventos apocalípticos vêm a galope na atualidade também na figura de quatro cavaleiros: “[...] a crise ecológica, as consequências da revolução biogenética, os desequilíbrios do próprio sistema (problemas de propriedade intelectual, a luta vindoura por matéria-prima, comida e água) e o crescimento explosivo das divisões e exclusões sociais”.⁶

⁵ ŽIZEK, 2012, p. 336-337.

⁶ ŽIZEK, 2012, p. 11-12.

A crise ecológica coloca-se, assim, como a crise da própria civilização. Ela configura a potenciação das crises sociais, alimentares, migratórias, de empregabilidade, de conflitos pela água, pela habitação, saneamento básico e saúde, como afirma o cientista social Michael Löwy.

A crise ecológica, ao ameaçar o equilíbrio natural do meio ambiente, põe em perigo não apenas a fauna e a flora, mas também, e, sobretudo, a saúde, as condições de vida, a própria sobrevivência da nossa espécie. [...] O combate para salvar o meio ambiente, que é necessariamente o combate por uma mudança de civilização, é um imperativo humanista, que diz respeito não apenas a esta ou àquela classe social, mas ao conjunto dos indivíduos⁷.

O modelo de produção e consumo imposto pelo mercado e que visa o acúmulo ilimitado de capital, lucros e mercadorias, sem falar no famigerado consumo de ostentação, está conduzindo para um rápido esgotamento dos recursos naturais. “Se generalizássemos”, diz Löwy, “para o conjunto da população mundial o consumo médio de energia dos EUA, as reservas conhecidas de petróleo seriam esgotadas em *dezenove dias*”⁸. Isso significa que o grande Norte, poderoso e explorador histórico, se apropriou da maior parte da riqueza construída por todos os seres humanos, especialmente pelo Sul do planeta.

Portanto, esta realidade se coloca como um grande desafio para a teologia latino-americana. Sua reflexão sobre a realidade se reatualiza em novas dimensões e contextos. Assim como Michael Löwy reivindica a questão ecológica como o desafio maior para a renovação do pensamento marxista no início do século XXI, exigindo dos marxistas o rompimento com a ideologia do progresso linear e com o modelo econômico-tecnológico do capitalismo industrial⁹. Da mesma forma, a teologia da libertação é desafiada para uma renovação do debate teológico e da práxis da fé que rompa com a ideologia produtivista do progresso, articulando ecologia, teologia e ética para o cuidado do ambiente natural, no qual o ar seja respirável, a água seja potável e seja defendida como um

⁷ LÖWY, Michael. *O que é o ecossocialismo?* 2, ed. São Paulo: Cortez, 2014, p. 66.

⁸ LÖWY, 2014, p. 46.

⁹ LÖWY, 2014, p. 40.

direito humano, e os alimentos reencontrem sua natureza, isto é, livres de agrotóxicos e radiações nucleares.

Nos últimos anos a teologia vem debruçando-se sobre a questão da crise ecológica intensificando a inter-relação entre ecologia e teologia. As mudanças de paradigma no campo das ciências a partir da obra de Thomas Kuhn *A estrutura das revoluções científicas*, publicada em 1962 modificou profundamente nossas posições com relação às verdades preconizadas pela ciência. Kuhn apontou para a crise das ciências e para as revoluções nos seus paradigmas ao considerar que são “[...] revoluções científicas aqueles episódios de desenvolvimento não cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior”¹⁰. Essa obra inaugurou processos de reflexão e mudanças paradigmáticas em todos os campos do saber, o que impulsionou o desenvolvimento do paradigma ecológico.

No campo da teologia, a introdução do paradigma ecológico no pensamento de Leonardo Boff articulou o fazer teologia da libertação com as novas demandas teóricas a serem enfrentados na atualidade. “Aos trinta anos de atividade teológica, ocorre uma grande mudança, especialmente com a publicação do livro *Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*, no qual usa pela primeira vez a expressão ‘paradigma ecológico’”.¹¹

Essa nova leitura da realidade provocou a simbiose entre a teologia e a ecologia, inaugurado no continente sul-americano por Leonardo Boff, tornou-se uma guinada reflexiva no pensamento teológico. Conforme Baptista, “Ocorre verdadeira mudança de paradigma, como afirmava Hans Küng: [...] a consciência de uma crescente crise é geralmente o ponto de partida para uma mudança profunda de determinadas concepções básicas do passado e, finalmente, para a irrupção de um novo modelo hermenêutico ou paradigma: quando métodos e regras fracassam, induzem à busca do Novo”¹².

¹⁰ KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 125.

¹¹ BAPTISTA, Paulo Agostinho N. *Libertação e ecologia: a teologia teoantropocósmica de Leonardo Boff*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 150.

¹² BAPTISTA, 2011, p. 152.

E hoje, diuturnamente, estamos na eminência de algum desastre ambiental que pode atingir um dos elementos essenciais à vida no planeta, como o foram registrados em um único ano, 2010, lembrados por Zizek: “ar (nuvens de cinzas vulcânicas da Islândia paralisam as viagens aéreas na Europa), terra (avalanches de lama na China), fogo (que deixou Moscou quase inabitável), água (poluída por um vazamento de petróleo no golfo do México, inundações que desalojaram milhões de pessoas no Paquistão)”¹³. A estes acrescentamos os mais recentes, como o desastre nuclear ambiental com a destruição de usinas nucleares atingidas por um tsunami em Fukushima, Japão, em 2011, cuja contaminação radioativa vem afetando a fauna e a flora marinha nos mares do norte e, no Brasil, o maior desastre ambiental já registrado na história, o rompimento da barragem de rejeitos da mineração em Mariana, MG. “No dia 05/11/2015 ocorreu o rompimento da barragem de Fundão, pertencente ao complexo minerário de Germano, no município de Mariana/MG. A barragem continha 50 milhões de m³ rejeitos de mineração de ferro”¹⁴. O referido desastre se confirma pela avaliação apresentada no documento:

- mortes de trabalhadores da empresa e moradores das comunidades afetadas, sendo que algumas ainda restam desaparecidas;
- desalojamento de populações;
- devastação de localidades e a consequente desagregação dos vínculos sociais das comunidades;
- destruição de estruturas públicas e privadas (edificações, pontes, ruas etc.);
- destruição de áreas agrícolas e pastos, com perdas de receitas econômicas;
- interrupção da geração de energia elétrica pelas hidrelétricas atingidas (Candonga, Aimorés e Mascarenhas);
- destruição de áreas de preservação permanente e vegetação nativa de Mata Atlântica;
- mortandade de biodiversidade aquática e fauna terrestre;
- assoreamento de cursos d’água;
- interrupção do abastecimento de água;
- interrupção da pesca por tempo indeterminado;
- interrupção do turismo;
- perda e fragmentação de habitats;
- restrição ou

¹³ ZIZEK, 2012, p. 307.

¹⁴ IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Laudo Técnico Preliminar: Impactos ambientais decorrentes do desastre envolvendo o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais*, Novembro de 2015, p. 3. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/phocadownload/noticias_ambientais/laudo_tecnico_preliminar.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2016.

enfraquecimento dos serviços ambientais dos ecossistemas; – alteração dos padrões de qualidade da água doce, salobra e salgada; – sensação de perigo e desamparo na população¹⁵.

Cabe lembrar que a empresa responsável pela mineração e pela barragem de rejeitos é a Samarco Mineradora S.A., uma *joint-venture* (“sociedade sem caráter definitivo”, logo, poderia dizer-se “sociedade de ocasião”) entre a mineradora multinacional Vale S.A.¹⁶ e anglo-australiana BHP Billiton.¹⁷

Provavelmente foi a voracidade do sistema em produzir e multiplicar o enriquecimento dos acionistas que provocou a sobrecarga da barragem levando ao seu rompimento. Depreende-se isso de um relatório final produzido por uma equipe de especialistas de diversas universidades brasileiras.

Três elementos merecem maior ênfase a partir desta descrição: i. a ampliação da escala operacional da empresa nos últimos anos condicionou e interagiu com os determinantes fisiográficos da reserva, intensificando sua depleção mineral quantitativa e qualitativa e, portanto, impulsionando a expansão significativa da geração de estéril e rejeitos de minério; ii. essa expansão demandou, conseqüentemente, ampliações correspondentes da capacidade de disposição de estéril e, principalmente, rejeitos, determinando o aumento exponencial do uso de recursos naturais (em especial da água, nos processos de beneficiamento primário e disposição) e da escala dos riscos associados à opção preferencial da empresa por barragens; iii. (seria importante olhar novamente se estes iii são assim mesmo) finalmente, esses elementos mantêm uma orientação exclusivamente exportadora, definida em função de estratégias privadas e públicas de acesso a recursos minerais escassos, assim como do próprio Estado brasileiro na entrada de divisas e equilíbrio da Balança Comercial¹⁸.

¹⁵ IBAMA, 2015, p. 3-4.

¹⁶ Privatizada no governo de Fernando Henrique Cardozo na década de 1990.

¹⁷ POEMAS. *Antes fosse mais leve a carga*: avaliação dos aspectos econômicos, políticos e sociais do desastre da Samarco/Vale/BHP em Mariana (MG). Mimeo. 2015, p. 17. Disponível em <<http://www.ufjf.br/poemas/files/2014/07/POEMAS-2015-Antes-fosse-mais-leve-a-carga-vers%C3%A3o-final.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

¹⁸ POEMAS, 2015, p. 3.

Por isso a teologia vem estabelecendo o debate sobre a grande crise ecológica que ameaça e leva ao limite a boa criação de Deus. Instaure-se um novo processo de entendimento sobre as questões da fé e sobre a “nossa casa comum”, o nosso *oikos*, portanto, sobre a relação entre teologia e ecologia na perspectiva de nosso futuro. Este movimento da teologia, encarnada na dinâmica da vida no planeta, em direção ao debate da crise ambiental, pode encontrar na escatologia sua convergência de sentido. Já passou a hora de construirmos uma perspectiva mais socializada, sustentada sobre uma epistemologia que retome a relação entre a cognição e a ação, entre teoria e prática que marcou o período constitutivo e mais fértil da teologia latinoamericana de libertação. Uma teologia da práxis ecológica de movimentos integrados e compreensivos capazes de superar as posições maniqueístas e colocar no lugar a dialética transformadora da realidade na relação entre o ser humano e o meio ambiente. Trata-se, portanto, de enfrentar os desafios do presente com base no passado e naquilo que nossas ações impactam o futuro. Nessa perspectiva, Idália da Silva Carvalho Sá-Chaves afirma que,

Fullat (1990:186) sugere, citando um beduíno do século V, que “os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das coisas presentes e presente das coisas futuras”. No entanto, ao referenciar sempre estes três tempos ao presente alerta para a importância que, neste, devem ter como referente às perspectivas e os acontecimentos passados para um melhor e mais ajustado projecto de futuro¹⁹.

Neste sentido, o nosso trabalho busca elementos de convergência entre a escatologia e a ecologia com o objetivo de perceber e compreender novos significadores para a práxis da fé a partir da teologia. Na primeira parte do texto vamos evidenciar o conceito de escatologia e suas perspectivas de transformação processadas a partir de novos significantes para a atualidade nos debates dos teólogos protestantes Jürgem Moltmann, Paul Tillich, Richard Shaull e Vítor Westhelle. O passo seguinte visa o conceito de ecologia para o contexto do debate e da interação com

¹⁹ SÁ-CHAVES, Idália da Silva Carvalho. *A construção de conhecimento pela análise reflexiva da práxis*. Coimbra, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 65.

a teologia. E no terceiro momento da pesquisa objetivamos a interação e a convergência entre as dimensões da ecologia e da escatologia para uma teologia libertadora que ajude na construção de um mundo possível e necessário.

2. Por uma escatologia do tempo presente

Em sua meditação sobre a esperança, que abre como introdução a sua *Teologia da esperança*, Jurgen Moltmann²⁰ (1971) sustenta que o cristianismo, tornado organização religiosa do Império Romano, tirou da escatologia cristã sua força transformadora da vida no presente.

A escatologia sempre foi entendida como a “doutrina das últimas coisas”, a “doutrina do eschaton”, que pregava o evento salvífico como uma irrupção no final dos tempos. Uma intervenção de fora sobre o povo e sua história, destruindo totalmente todas as coisas existentes. Isso mostra que a escatologia foi relegada, literalmente, às últimas coisas, perdendo seu sentido orientador, animador e crítico para a realidade presente e futura, antes do “fim último”. Desvinculo-se, pois, dos ensinamentos sobre a cruz e a ressurreição, exaltação e senhorio de Cristo. “[...] a escatologia foi deixada, juntamente com sua eficácia mobilizadora e revolucionária dentro da história agora vivida, às seitas entusiastas e fanáticas e aos grupos revolucionários”²¹. Assim, a escatologia separou a fé cristã da esperança do dia-a-dia, remetendo a felicidade para o além, para o futuro último, exaurindo-se de sua tarefa crítica e profética contra a realidade excludente, a dominação do ser humano sobre o ser humano, a realidade do poder econômico e político que subjuga povos e promove a destruição e o esgotamento do meio ambiente, da boa criação de Deus.

Os sinais da realidade, humana, ambiental, planetária e cósmica, dão o tom de que estamos “vivendo no fim dos tempos”, decorrente da ausência da harmonia propalada pelo conservadorismo entre os seres humanos entre si, com Deus e com a sua boa criação, o meio ambiente.

²⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*. São Paulo: Herder, 1971.

²¹ MOLTSMANN, 1971, p. 2

No século XIX, Johannes Weiss e Albert Schweitzer, através da reflexão sobre a escatologia, abalaram os fundamentos da ciência teológica que acreditava na síntese harmoniosa entre cristianismo e cultura. As pesquisas sobre Jesus no contexto escatológico balançaram os modos de pensar e agir. “[...] teólogos como Ernst Troeltsch tiveram uma sensação que dificilmente compreendemos hoje em dia: ‘Tudo está tremendo’”²². Desmascararam a falsa visão de uma síntese harmoniosa entre o cristianismo tornado religião e a cultura. Com a recuperação do caráter escatológico do cristianismo, Jesus impacta a realidade com seu discurso de uma práxis que confronta e destrói o discurso dessa falsa harmonia.

A escatologia não é a história que transcorre sem perspectivas, colocando em crise a esperança futura. No pensamento ocidental, inspirado/orientado pela linguagem grega, descaracterizou a escatologia original do pensamento hebreu-cristão.

[...] a linguagem própria da escatologia cristã não é o logos grego, mas a promessa, tal como moldou a linguagem, as esperanças e a experiência de Israel. Não foi no logos da epifania da presença eterna, mas na palavra da promessa como fundamento da esperança que Israel encontrou a verdade de Deus. [...] Por conseguinte, a escatologia como objeto de reflexão não é possível nos moldes da mente grega, nem da mente da ciência experimental da atualidade, mas tão somente como um saber em esperança, isto é, um saber que tem como objeto a História e a historicidade da verdade²³.

A teologia do Antigo Testamento tem demonstrado que existe uma grande diferença entre uma “religião da promessa”, como no pensamento hebreu no qual “Deus se revela sob forma de promessa e pela história da promessa”²⁴, e “as religiões da epifania”²⁵. Assim, no estudo comparativo das religiões a fé hebréia está vinculada à religião da promessa, enquanto que no viés ocidental helenizado a fé está ligada às religiões de revelação, enquanto um deus eterno.

²² MOLTSMANN, 1971, p. 27.

²³ MOLTSMANN, 1971, p. 32.

²⁴ MOLTSMANN, 1971, p. 34.

²⁵ MOLTSMANN, 1971, p. 34.

Lembramos aqui a forma como Deus se apresenta no Êxodo: “Eu sou o que Sou” (Êx 3.14). Ao se apresentar assim, faz a promessa de libertar o povo da escravidão do Egito. A partir disso Julio Barreiro testifica:

Em otras palabras, Dios se presenta como quien se mantiene siempre fiel a sus promesas. Por outro lado, em aquella expresión bíblica, El verbo ser no expresa un “ser em si”, sino una relación, o sea, “estar con”; “hacer a favor de”. El Dios que se revela, entonces, es un Dios siempre favorable al hombre, que actua, que salva y que liberta. Su nombre importa poco; su presencia lo es todo²⁶.

É o Deus do Êxodo, e não o deus de Parmênides, do pensamento especulativo dos gregos que produziu uma teologia como a epifania eterna da presença de Deus, que é o Deus da ressurreição. “A revelação do Cristo Ressuscitado não é uma forma da epifania da eterna presença, mas nos obriga a uma compreensão da revelação como apocalipse do futuro prometido à verdade”²⁷. Por isso o ponto central da revelação cristã está naquilo que foi dito sobre Jesus e o seu destino. E isso define o caráter de promessa, de futuro desse evento Jesus Cristo e de tudo o que vive neste planeta e no cosmos.

O teólogo sistemático, Paul Tillich deu importante virada na compreensão sobre a escatologia. Seu longo debate sobre a necessidade de uma teologia da história, que dê à história um sentido de movimento e que se articule com a ideia do Reino de Deus intra e trans histórico, conclui que a escatologia é uma chave para a teologia tratar da relação entre o temporal e o eterno. O tempo futuro torna-se o *proprium* da escatologia.

A escatologia trata da relação entre o temporal e o eterno, mas também as outras partes do sistema teológico igualmente o fazem. Portanto seria plenamente possível começar uma teologia sistemática com a questão escatológica: a questão do alvo intrínseco, o *telos* de tudo o que é. Além das razões de conveniência, há apenas uma razão sistemática para a ordem tradicional, que é seguida aqui, e que

²⁶ BARREIRO, Julio. *El hombre de la Biblia*. Argentina: Tierra Nueva; La Aurora, 1983, p. 35-36.

²⁷ MOLTSMANN, 1971, p. 88.

consiste no fato de que a doutrina da criação usa o modo temporal do “passado” para simbolizar a relação entre o temporal e o eterno, enquanto que a escatologia usa o modo temporal do “futuro” para fazer o mesmo – e o tempo, em nossa experiência, vem do passado e se dirige para o futuro²⁸.

Fundamentado em Yacob Tesfai, Vítor Westhelle afirma que houve uma estranha separação entre tempo e espaço. “No mundo bíblico, diz Tesfai, isso seria algo totalmente estranho. O tempo e o espaço são ‘experiências de bolso’. Eles são ambos, simultaneamente, um evento temporal e, ao mesmo tempo, espacialmente circunscrito. O local não pode ser evitado. A revelação de Deus tem lugar”²⁹.

E por que tem lugar a revelação, é preciso re-significar o presente das coisas futuras. Tal reflexão nos remete à origem da teologia da libertação quando Richard Shaull nos desafiou, de forma tão atual, a pensar e agir orientados para o futuro³⁰. A dinamicidade das mudanças requer um pensamento e uma postura teológica que rompa nosso silêncio e ao mesmo tempo nos desamarre das correntes do passado e ajude a superar nossos medos, desesperos ou resignação diante da crise ambiental. Segundo Shaull,

Enquanto a nossa maneira tradicional de pensar tende a empurrar o presente para o passado para poder considerá-lo, a fé cristã vê o presente à luz do futuro. O futuro é trazido para dentro do presente proporcionando uma perspectiva singular de compreensão e tornando-se uma força explosiva. Ao respondermos ao Deus que está avançando, descobrimo-nos orientados pela “forma das coisas que hão de vir”³¹.

É isso que nos libera do presenteísmo e da nostalgia do passado para enfrentarmos a luta contra a crise ecológica, porém, não de forma individualista que marca a atualidade, mas como um coletivo. Para Shaull, só a participação gera perspectivas de futuro em meio ao caos. “Na medida

²⁸ TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulinas/Sinodal, 1984, p. 612.

²⁹ WESTHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso: o uso e o abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008, p. 156.

³⁰ SHAULL, Richard. *As transformações profundas à luz da teologia evangélica*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1967. (Questões abertas – 2)

³¹ SHAULL, 1967, p. 33-34.

em que participarmos de uma comunidade que está presente na frente de luta e participa de tal esperança, poderemos sentir-nos capazes de enfrentar a derrocada das estruturas atuais sem medo, e de agir de um modo que abra perspectivas para a forma das coisas que hão de vir”³².

3. Ecologia como conhecimento crítico do espaço

O conceito de ecologia foi formulado pelo biólogo e zoólogo alemão Ernst Haeckel em 1869, numa tentativa de pensar o mundo natural desde uma visão macroscópica, como termo ecologia a partir da junção de *oikos* (do grego “morada”, “casa comum”) e *logia* (do grego “tratado”, “estudo”). Haeckel elaborou um primeiro conceito para o novo termo:

Entendemos por ecología el conjunto de conocimientos referentes a la economía de la naturaleza, la investigación de todas las relaciones del animal tanto con su medio inorgánico como orgánico, incluyendo sobre todo su relación amistosa y hostil con aquellos animales y plantas con los que se relaciona directa o indirectamente. En una palabra, la ecología es el estudio de todas las complejas interrelaciones a las que Darwin se refería como las condiciones de la lucha por la existencia. La ciencia de la ecología, a menudo considerada equivocadamente como “biología” en un sentido restringido, constituye desde hace tiempo la esencia de lo que generalmente se denomina “historia natural”. Como se ve claramente por las numerosas historias naturales populares, tanto antiguas como modernas, este tema ha evolucionado en íntima relación con la zoología sistemática. En la historia natural se ha tratado la ecología de los animales con bastante inexactitud; de todos modos, la historia natural ha tenido el mérito de mantener vivo un amplio interés por la zoología³³.

Este conceito vem evoluindo ao longo da história definindo muitas variantes para a ecologia. Para o colombiano Alírio Caceres Aguirre,

³² SHAULL, 1967, p. 35.

³³ MARCANO, José E. *Que es la ecología?* Educación ambiental – Nociones de ecología. Disponível em: <http://www.jmarcano.com/nociones/quees.html>. Acesso em: 29 abr.2016.

Engenheiro químico eco-ambientalista e mestre em teologia, há três eixos sobre os quais se baseiam as variantes do conceito de ecologia na atualidade:

1. O reconhecimento e a vinculação do ser humano na rede de relações dos organismos vivos, o que gerou um diálogo entre ciências naturais e ciências sociais.
2. O surgimento do conceito de ecossistema (Tansley, 1935).
3. A dimensão de escala do *oikos*, porque não se trata mais só do âmbito vital de uma espécie, e sim do caráter planetário e cósmico da vida³⁴.

Esta elasticidade do conceito em verdade decorre de sua interdisciplinaridade, pela qual os novos conceitos foram se forjando. Se o conceito original tivesse permanecido restrito à biologia e a zoologia, teria se tornado no nosso entender contradição *in termines*. Por isso coube à teologia trazer sua contribuição para o debate. Baptista afirma que, “segundo Boff, o conceito de ecologia vai superando seu nicho ‘regional’ e se torna universal, um *novo paradigma* que detém a grande força ‘mobilizadora do futuro milênio’”³⁵.

Juan José Tamayo acredita que a teologia demorou em aceitar o discurso ecológico e abrir-se ao paradigma ecológico³⁶. Mas foi a evolução da teologia da libertação quem abriu este caminho.

³⁴ AGUIRRE, Alirio Caceres. Entre ecologia e ecosofia: passos para uma hermenêutica ecoteológica. In: SUSIN, Luiz Carlos; SILVA, Joe Marçal Gonçalves dos (orgs.). *Nosso planeta: nossa vida*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 50.

³⁵ BAPTISTA, 2011, p. 156.

³⁶ O discurso da ecologia desenvolve uma reflexão crítica sobre a realidade e os problemas ambientais. O discurso da teologia “é a reflexão crítica sobre a práxis histórica” (GUTIÉRREZ, Gustavo. *Dois perspectivas teológicas: teologia da libertação e teologia progressista*. In: TORRES, Sergio; FABELLA, Virgínia (orgs.). *O evangelho emergente*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 290), “um pensamento crítico de si mesmo, de seus próprios fundamentos. [...] uma atitude lúcida e crítica com relação aos condicionamentos econômicos e socioculturais da vida e reflexão da comunidade cristã: não tomá-los em consideração é enganar-se e enganar aos outros” (GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983, p. 23).

Em seus primórdios, colocou o seu acento no grito dos pobres, descuidando o grito da terra. Foi a crescente consciência ecológica que a levou a ser sensível ao grito da terra e a se dar conta que não se trata de dois gritos separados, mas de um só grito sob diversas modalidades. Como afirma Leonardo Boff, a teologia da libertação e a ecologia “partem de duas feridas sangrentas: a primeira, a da pobreza e da miséria, rompe o tecido social dos milhões e milhões de pobres no mundo inteiro. A segunda, a agressão sistemática à Terra, destrutura o equilíbrio do planeta ameaçado pela depredação praticada a partir do modelo de desenvolvimento proposto pelas sociedades contemporâneas e hoje mundializadas”. Isso pode ser aplicado a todo o discurso teológico³⁷.

Leonardo Boff, na virada do milênio afirmava que a ecologia transversava todas as áreas do conhecimento, como uma verdadeira *Weltanschauung*, uma visão de mundo urgente e necessária a partir da irresponsável ação humana no mundo. Segundo ele,

Mais e mais entendemos que a ecologia se transformou no contexto de todos os problemas, da educação, do processo industrial, da urbanização, do direito e da reflexão filosófica e religiosa. A partir da ecologia se está elaborando e impondo um novo estado de consciência na humanidade que se caracteriza por mais benevolência, mais compaixão, mais sensibilidade, mais enternecimento, mais solidariedade, mais cooperação, mais responsabilidade entre os seres humanos em face da Terra e da necessidade de sua preservação³⁸.

A partir dessa da transversalidade em que se tornou a ecologia, ela se transformou num instrumento eficaz para realizar a crítica da economia e da política enquanto dimensões estruturantes do espaço compreendido como a realidade da civilização atual. Pois,

³⁷ TAMAYO, Juan José. A ecologia como lugar de diálogo no encontro inter-religioso. In: SUSIN, Luiz Carlos; SILVA, Joe Marçal Gonçalves dos (orgs.). *Nosso planeta: nossa vida*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 115.

³⁸ BOFF, Leonardo. Planeta terra, ecologia e ética. In: ARRUDA, Marcos e BOFF, Leonardo. *Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 103.

A degradação da vida natural e da vida humana, destruindo espécies e desequilibrando o tênue dinamismo vital, ou reduzindo dois terços da população mundial à condição de pobreza, ao mesmo tempo que concentra o bem-estar e a qualidade de vida (225 pessoas no mundo têm renda equivalente a 2,5 bilhões de pessoas), chegou a um limite insuportável. Não se pode mais aceitar que apenas um país (EUA) que possui 7,5% da população mundial tenha um consumo equivalente a “1/3 dos recursos não renováveis e 37% da energia produzida no mundo atualmente”³⁹.

4. A modo de conclusão – Por um tempo que intervenha no espaço (a convergência ecoescatológica para a libertação)

Acreditamos que uma teologia que assuma a força da escatologia da esperança (o tempo) pode devolver à igreja cristã sua significação social (no espaço) e, conseqüentemente, sua responsabilidade no enfrentamento da maior crise da humanidade, a crise ecológica, que é também a crise da fome, da sede, do domínio do mercado sobre o humano e sobre a natureza, dos extremos climáticos, dos eventos catastróficos que a cada dia faz aparecer novos exilados climáticos. Atualmente o pensamento cristão está preso no “moderno *cultus privatus*”⁴⁰. Precisa, pois, recuperar seu “*cultus publicus*”⁴¹, isto é, nossas igrejas estão mergulhadas numa relação de fé individualista e egoísta. Nossas comunidades eclesiais precisam retomar sua condição de *eklesia*, de público-público na qual os grandes temas que envolvem a vida de todos devem ser debatidos na busca de soluções coletivas/comunitárias.

Se tempo e espaço são interdependentes conforme asseverado pelos teólogos acima citados, depreendemos que ecologia e escatologia têm objetivos comuns: dar futuro à humanidade, aos animais, aos vegetais, à água, ao ar, à luz, aos minerais e a terra como elementos que prefiguram o reinado de Deus, onde “Deus será tudo em todos”, conforme escreve o apóstolo Paulo em 1 Coríntios 15.28.

³⁹ BAPTISTA, 2011, p. 157.

⁴⁰ MOLTMANN, 1971, p. 371.

⁴¹ MOLTMANN, 1971, p. 371.

A ecoescatologia nasce da busca de uma teologia engajada na missão de Deus para o seu plano de salvação e libertação. Nathan John Moser a propõe com base no Hino de Javé, em Isaías 40.8-9:

Con el fin de buscar la “relevancia ecológica” del himno antiguo, el presente artículo propone que el himno de autoalabanza de Yahveh, en Is 42,8-9, sugiere tres eventos teológicos de enorme relieve cuando es poéticamente interiorizado por parte del pueblo de Dios, a saber:

— Una sujeción de la comunidad de fe a una *praxis* doxológica que consiste en una misión de ecojusticia.

— Una denuncia crítica de los dioses contemporáneos que destruyen el medio ambiente.

— Una reinterpretación de la esperanza ecoescatológica para sucesivas generaciones⁴².

A escatologia, como promessa e esperança, se apresenta como categoria para pensar a crise ecológica e iluminar a busca de um futuro em aberto e redimido. Segundo Gustavo Gutierrez, a “[...] reflexão sobre a escatologia, assim como suas incidências em nível da práxis social, levou ao primeiro plano a teologia da esperança”⁴³. Por isso a ecoescatologia articula as ideias fundamentais da escatologia temporal com as aquisições da crítica ecológica para trabalhar a conscientização sobre o perigo que ameaça o planeta em consequência do atual modelo de produção e consumo que segue a lógica de acumulação ilimitada de capital, lucros e mercadorias. Permite defender a necessidade de uma ruptura com a ideologia produtivista do progresso ilimitado e re-significar a possibilidade da construção de uma sociedade racional baseada no controle democrático, na igualdade social e na predominância do valor de uso dos bens naturais.

Uma ecoescatologia desmascara as manobras publicitárias de um pretenso capitalismo verde e o mercado, com seus cálculos imediatistas de perdas e lucros contraditórios a uma racionalidade ecológica. Contra a hegemonia do mercado, a ecoescatologia torna-se instrumen-

⁴² MOSER, Nathan John. Praxis doxológica de Is 42, 8-9 y su alcance ecológico. *Theologica Xaveriana*, 179 (2015): 105.

⁴³ GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983, p. 183.

to para a teologia denunciar o fetichismo da mercadoria, reificada na economia pelo neoliberalismo e propor a construção de uma economia ética mediante a re-imbricação do econômico no ecológico, no social e no político.

A teologia, consciente de sua tarefa e de sua inserção histórica, sabe que a verdadeira práxis emerge de dentro da experiência que mergulha nos reservatórios de evidências da vida das comunidades de fé impactadas pela sociedade na qual estão inseridas. Neste sentido, acreditamos que a ecoescatologia pode revivificar as comunidades religiosas de base como contraponto à força do individualismo neoliberal em curso, pois, como nos lembra Jürgen Moltmann,

A vida humana significa participação. Ela ganha em vitalidade onde é valorizada e permanece assim, enquanto se pode também tomar parte na vida dos outros. Quanto mais você estiver interessado em alguma coisa, mais estará vivo. É fácil exemplificar o contrário disso: falta de participação leva à apatia e esta é uma doença que leva à morte. Uma total falta de participação é como uma vida nunca vivida. É como morrer antes de se ter sequer nascido. Antigamente a isso se chamava de “a morte da alma”⁴⁴.

Urge resgatarmos a utopia em nossos planejamentos, em nossas ações pastorais, acreditando que “outro mundo é possível e necessário”. Para isso a teologia, sustentada no paradigma ecológico e na ecoescatologia, precisa retomar sua reflexão junto ao povo para sua organização e busca por libertação. Significa um esforço de interpretar e desvendar a realidade. Significa ajudar e oferecer à comunidade de fé a enfrentar as situações da realidade da crise ecológica que ameaça a vida, o planeta e o cosmos, que decorre de macrofenômenos políticos e econômicos e dos microfenômenos de ordem familiar e social. Para Ahlert significa a

[...] necesidad de abrirse camino en el tiempo y mover la historia, impulsado por la esperanza. La esperanza absorbe y sustenta los

⁴⁴ MOLTSMANN, Jürgen. Da era da modernidade ao futuro ecológico. In: MOLTSMANN, Jürgen; BOFF, Leonardo. *Há esperança para a criação ameaçada?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 74-75.

dolores de lo cotidiano y permite también esperar por lo inesperado. La esperanza empuja hacia el movimiento. Vivir en la fe y en la esperanza revela una vida que se hace historia y, de esta manera posibilita amar más allá de lo existente, de lo cautivo en el presente⁴⁵.

Entretanto, tudo isso não significa negligenciar a sagrada espiritualidade, pois, como nos lembra o teólogo Helmut Thielicke, “A Teologia pode ser uma fria camisa de ferro que nos esmaga, e nos congela até a morte. Pode ser também – para isto ela existe – a consciência da congregação cristã, sua bússola, e o canto de louvor das ideias”⁴⁶. Isso significa que desenvolver defender uma ecoescatologia libertadora e engajada na vida econômica, social e política não significa abandonar uma profunda espiritualidade de oração, poimênica, celebração e meditação, sem a qual todo o esforço perderia seu sentido de ser, ou seja, fortalecer o lugar da ecoespiritualidade.

Referências

- AGUIRRE, Alirio Caceres. Entre ecologia e ecosofia: passos para uma hermenêutica ecoteológica. In: SUSIN, Luiz Carlos; SILVA, Joe Marçal Gonçalves dos (orgs.). *Nosso planeta: nossa vida*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 41-68.
- AHLERT, Alvori. Fé e ideologia na teologia da libertação: inter-relações na obra de Juan Luis Segundo. *Theologica Xaveriana*, vol. 58, núm. 166, julio-diciembre, 2008, pp. 317-346.
- AHLERT, Alvori. La esperanza como eje en la formación docente: aportes de la teología de la esperanza de Jürgen Moltmann. *Fundamentos em Humanidades*. Universidad Nacional de San Luis, Argentina, v. 17, p. 71 – 84, 2008.

⁴⁵ AHLERT, Alvori. La esperanza como eje en la formación docente: aportes de la teología de la esperanza de Jürgen Moltmann. *Fundamentos em Humanidades*. Universidad Nacional de San Luis, Argentina, v. 17, p. 71 – 84, 2008, p. 79. <<http://fundamentos.unsl.edu.ar/index.html?opc=3&elige=17&s>>

⁴⁶ THIELICKE, Helmut. *Recomendações aos jovens teólogos e pastores*. São Paulo/Recife: Editora SEPAL/SETE, 1990, p. 61-62.

- BAPTISTA, Paulo Agostinho N. *Libertação e ecologia: a teologia teoantropocósmica de Leonardo Boff*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BOFF, Leonardo. Planeta terra, ecologia e ética. In: ARRUDA, Marcos e BOFF, Leonardo. *Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 103-118.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. Duas perspectivas teológicas: teologia da libertação e teologia progressista. In: TORRES, Sergio; FABELLA, Virgínia (orgs.). *O evangelho emergente*. São Paulo: Paulinas, 1982, pp. 268-299.
- GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.
- IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Laudo Técnico Preliminar: Impactos ambientais decorrentes do desastre envolvendo o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais*, Novembro de 2015, p. 3. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/phocadownload/noticias_ambientais/laudo_tecnico_preliminar.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2016.
- JÚNIOR, Francisco de Aquino. Igreja de Jesus Cristo é a igreja dos pobres. *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura* – Ano IX, n. 42, Ano IX – Abril/Maio/Junho, 2013, p. 113-114.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- LÖWY, Michael. *O que é o ecosocialismo?* 2 ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- MARCANO, José E. Que es la ecología? *Educación ambiental* – Nociones de ecología, s.d. Disponível em: <<http://www.jmarcano.com/nociones/quees.html>>. Acesso em 29/04/2016.
- MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*. São Paulo: Herder, 1971.
- MOLTMANN, Jürgen. Da era da modernidade ao futuro ecológico. In: MOLTMANN, Jürgen; BOFF, Leonardo. *Há esperança para a criação ameaçada?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 17-77.
- MOSER, Nathan John. Praxis doxológica de Is 42, 8-9 y su alcance ecológico. *Theologica Xaveriana* 179 (2015): 103-129. <<http://dx.doi.org/10.11144/javeriana.tx65-179.pdia>>
- POEMAS. *Antes fosse mais leve a carga: avaliação dos aspectos econômicos, políticos e sociais do desastre da Samarco/Vale/BHP em Mariana (MG)*. Mimeo. 2015, p. 3. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/>

poemas/files/2014/07/PoEMAS-2015-Antes-fosse-mais-leve-a-carga-vers%C3%A3o-final.pdf>. Acesso em 21 de abril de 2016.

SÁ-CHAVES, Idália da Silva Carvalho. *A construção de conhecimento pela análise reflexiva da práxis*. Coimbra, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

SHAULL, Richard. *As transformações profundas à luz da teologia evangélica*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1967. (Questões abertas – 2)

TAMAYO, Juan José. A ecologia como lugar de diálogo no encontro inter-religioso. In: SUSIN, Luiz Carlos; SILVA, Joe Marçal Gonçalves dos (orgs.). *Nosso planeta: nossa vida*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 111-123.

THIELICKE, Helmut. *Recomendações aos jovens teólogos e pastores*. São Paulo/Recife: Editora SEPAL/SETE, 1990.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulinas/Sinodal, 1984.

WESTHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso: o uso e o abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

ZIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012.

Submetido em: 05/05/2016

Aceito em: 30/06/2016